



## JOVENS SUJEITOS: O SÍNODO DA JUVENTUDE E A EXORTAÇÃO PÓS-SI- NODAL *CHRISTUS VIVIT*

WELDER LANCIERI MARCHINI\*

**Resumo:** A evangelização da juventude se constitui como um desafio pastoral para o cristianismo católico. Com o intuito de pensar estratégias para a pastoral juvenil, o Sínodo dos Bispos realizado no Vaticano em outubro de 2018, estabeleceu o critério da participação eclesial e do discernimento vocacional para o trabalho com os jovens. A Exortação pós-sinodal *Christus vivit*, assinada pelo Papa Francisco, confirma a ideia de que os vínculos eclesiais são imprescindíveis para a evangelização juvenil. Este artigo identifica e analisa as principais ideias da Exortação que se sustentam na perspectiva da construção do jovem como sujeito eclesial e social. Assim se concebe que a evangelização *da* juventude deve se transformar em evangelização *com* a juventude.

**Palavras-chaves:** Papa Francisco, sujeito eclesial, sujeito social, pastoral juvenil, vocação.

**Abstract:** The evangelization of youth is a pastoral challenge to Catholic Christianity. With a view to thinking about strategies for youth ministry, the Synod of Bishops held in the Vatican in October 2018 established the criterion of ecclesial participation and vocational discernment for working with young people. The post-synodal exhortation *Christus vivit*, signed by Pope Francis, confirms the idea that ecclesial ties are essential for youth evangelism. This article identifies and analyzes the main ideas of the Exhortation that are based on the perspective of the construction of the young person as an ecclesial and social subject. Thus it is conceived that the evangelization *of* the youth must become evangelization *with* the youth.

**Keywords:** Pope Francis, ecclesial subject, social subject, youth ministry, vocation.

.....  
\* Doutor em Ciência da Religião (PUC SP). É editor de teologia da Editora Vozes. E-mail: welder.marchini@gmail.com.



## Introdução

Pela primeira vez na história do cristianismo a juventude foi tema de um sínodo dos bispos. Ora, podemos assumir o pressuposto que a juventude, assim como a concebemos hoje, é fruto da modernidade. Isso inviabilizaria sua discussão desde a Igreja nascente até a Idade Média. Mesmo assim, o Sínodo demarca a história, seja pela iniciativa temática ou pela perspectiva com a qual o assunto foi trabalhado.

Neste artigo queremos apresentar alguns apontamentos acerca da Exortação pós-sinodal *Christus vivit* e algumas perspectivas pastorais a partir da leitura do documento papal. Sabemos que um artigo não esgota as possíveis leituras da Exortação. Por isso assumimos o critério hermenêutico da pastoral juvenil na perspectiva da construção do jovem como sujeito eclesial, que identificamos como eixo que sustenta a Exortação. Com influências da espiritualidade inaciana, Francisco traz o discernimento como instrumento para a construção de um sujeito que assume sua própria história e o seu lugar na comunidade, processo que a Exortação identifica como sendo um discernimento vocacional.

O Papa não traz na Exortação um resumo daquilo que foi tratado no Sínodo de 2018. Antes ele toma alguns pontos que, segundo seu critério, parecem ser mais significativos (CV 4). A exortação apostólica pós-sinodal não é um resumo do sínodo nem uma ata pós-sinodal. Ela é a palavra do Papa, que leva em conta aquilo que foi pensado e discutido, mas que ao mesmo tempo extrapola o conteúdo que foi tratado no Sínodo.

Nosso artigo não se propõe a ser um resumo da Exortação nem a fazer uma leitura linear do conteúdo apresentado por Francisco. Antes, assumiremos eixos que, no nosso entender, revelam o entendimento da pastoral juvenil na perspectiva da construção do sujeito. A Exortação traz elementos que não serão por nós analisados. Basicamente entendemos que a Exortação de Francisco traz primeiramente um panorama da realidade juvenil. Para que a Igreja consiga dialogar com essa conjuntura, faz-se necessária uma atitude empática que conseqüentemente implicará na construção de um jovem que se estabelece como sujeito eclesial e social e também em uma pastoral juvenil mais integradora que assistencial.

## 1. Viver

Cristo vive, expressão utilizada pelo Papa como título da Exortação apostólica, é a referência assumida pela Exortação. A vida de cada jovem é lida à luz da vida do próprio Jesus. É significativo que o Papa comece o texto falando da vida plena, no desejo que ela se concretize e realize em cada jovem. A introdução revela um Papa mais afetuoso que preocupado com as estruturas



de pastoral juvenil. A preocupação com a pastoral juvenil é tratada como meio para construir a vida plena aos jovens, esse sim, critério assumido como objetivo da evangelização juvenil.

Como todo documento pontifício, *Christus vivit* traz uma fundamentação bíblica. As Escrituras servem de critério para a reflexão sobre a vida do jovem. Algumas das perícopes ou passagens assumidas pela Exortação nos revelam uma tendência, ou uma espécie de fio-condutor que buscaremos traduzir neste artigo.

Ao mencionar as histórias do Antigo Testamento, *Christus vivit* cita José (6) que, mesmo sendo o mais novo da família (cf. Gn 37,2-3), superou as adversidades e construiu uma vida no Egito inclusive assumindo cargos importantes (cf. Gn 37-47). Também Samuel (CV8) é citado como exemplo de jovem que assumiu sua função religiosa (cf. Jz 6,14) e Davi (CV9) que sendo escolhido ainda jovem (cf. 1Sm 9,2) assumiu a função de reinar sobre Israel.

No Novo Testamento o próprio Jesus é tomado como referência de jovem (CV 13-20). As Escrituras trazem poucas informações sobre a juventude de Jesus, isso porque o autor bíblico não compôs uma obra histórica, selecionando os eventos mais significativos para que, segundo cada evangelho, o leitor entenda a sua mensagem. O processo de escrita dos evangelhos resultou em um livro teológico, muito mais que histórico.

Também é certo que, por mais que tratemos de Jesus como jovem, tal termo não fazia parte da cultura semita ou mesmo helênica na qual os evangelhos foram escritos. O termo juventude é um tanto genérico. Hoje muitos distinguem juventude de adolescência e até mesmo pré-adolescência e os estudos cada vez mais especificam as diferenças entre estas etapas vividas no período que antecede a vida adulta (cf. LIBANIO, 2004, p. 13).

Aqui não queremos fazer uma exegese bíblica, mas entender quais as perspectivas que o Novo Testamento oferece para a vivência do jovem do mundo atual. A juventude de Jesus não se caracteriza por ser a fase que sucede a puberdade e antecede a vida adulta, mas por um agir juvenil. O modo de ser do home de Nazaré se revela um referencial para o modo de ser do jovem de hoje. Atitudes amorosas (CV 13), compassivas (CV 14) e repleta de aqum (CV 15) são apresentadas como sendo pertinentes à vivência juvenil. Mas a exortação também traz a importância do respeito aos mais velhos (CV 16), a prudência (CV 18) e a construção de um projeto de vida (CV 17).

Ora, o próprio Jesus torna-se exemplo de como o jovem pode assumir seu ímpeto de vida. O capítulo 2 da exortação traz exemplos de jovens, a iniciar por Jesus, que podem inspirar e iluminar os jovens cristão do mundo atual.



Jesus morreu jovem. A exortação diz que ele tinha por volta de 30 anos na ocasião de sua crucificação (CV 23). A maturidade de Jesus é processual, e a exortação diz que “é importante tomar consciência de que Jesus foi um jovem” (DV 23). Também a vida pública de Jesus aconteceu em sua juventude e de forma alguma desmerece a atuação de Jesus, mas engrandece a consciência do jovem, enxergando-o como alguém capaz de ser maduro e consciente.

O sofrimento de Jesus torna-se referência para tantos jovens que vivem a situação de cruz, assim como ele viveu. A juventude que sofre, seja como vítima da violência social, pela falta de emprego ou pela falta de oportunidades de estudo, ou as jovens que sofrem com o machismo estrutural que consolida a violência contra a mulher, podem encontrar em Jesus a figura de um Deus que não apenas se compadece com o sofrimento humano, mas que também passou pelo sofrimento.

Além disso Jesus mostra que a morte não é a palavra final, seja para todo e qualquer ser humano, mas também aos jovens. Sua ressurreição nos faz participantes da novidade que é o seu projeto de vida (DV 32).

Outros jovens são explicitados pela exortação de Francisco. Eles são os jovens da Igreja, que convidam o jovem atual a buscar a santidade, já apontada pelo Papa Francisco como uma atitude cristã encarada no cotidiano (cf. GE 7). Maria, a jovem de Nazaré (CV 43-48), além de jovens santos como Sebastião, Francisco de Assis, Joana d’Arc, Domingos Sávio e Teresa de Jesus, entre outros (CV 49-63) são apontados como pessoas que em sua história buscaram uma sintonia com Deus e com a comunidade cristã.

A Igreja não é um gueto onde os cristãos se agrupam para protegerem-se dos males do mundo. Antes, a Igreja é lugar de diálogo com a o mundo ao seu redor e, quando opta por ser diferente, o faz por testemunho e não por se apartar da realidade (CV 36). Desde o Concílio Vaticano II a Igreja assume o ideal de ser servidora da humanidade, se colocando a serviço (GS 3).

Por fim, a exortação coloca a importância de uma Igreja atenta à leitura dos sinais dos tempos. Tal perspectiva também esteve presente nos trabalhos conciliares. A realidade plural foi vista como realidade a interagir com a ação da Igreja católica. Para tanto, a *Gaudium et Spes* entende que é preciso perscrutar os sinais dos tempos, de modo a conhecer e entender o mundo no que tange suas esperanças, aspirações e dramas (cf. GS 4).

Também o parágrafo 11 da *Gaudium et Spes* auxilia no entendimento dos sinais dos tempos como critério de interpretação da realidade:



Movido pela fé, conduzido pelo Espírito do Senhor que enche o orbe da terra, o Povo de Deus esforça-se por discernir nos acontecimentos, nas exigências e nas aspirações de nossos tempos, em que participa com os outros homens, quais sejam os sinais verdadeiros da presença ou do desígnio de Deus. Manifesta o plano divino sobre a vocação integral do homem. E por isso orienta a mente para soluções plenamente humanas. (GS 11)

A categoria sinais dos tempos possibilita uma relação do catolicismo com os processos históricos (cf. C. BOFF, 1979, p. 59). O *aggiornamento* e a leitura dos sinais dos tempos foram dois parâmetros conciliares que serviram de substrato conceitual para a produção do Vaticano II. A Igreja católica passou a assumir o diálogo com a realidade onde está inserida como perspectiva de atualização de sua mensagem evangélica. Não se tratava mais de dizer, mas de estar e de ser presença no mundo. E para tanto tornou-se indispensável a capacidade de ler os sinais dos tempos. A leitura dos sinais dos tempos se torna um instrumento eficiente para que a Igreja consiga dialogar com a sociedade e com a juventude que nela vive.

## 2. Uma Igreja empática

O jovem deve ser chamado a se sentir Igreja. Isso é muito mais que pertencer a uma Igreja ou frequentá-la. O jovem se sente Igreja à medida que participa de suas decisões e organizações, tomando lugar nos organismos pastorais e conselhos comunitários. Mas no que se refere à construção de um espaço onde o jovem se constitua como sujeito, abordaremos adiante. Agora trataremos da postura da Igreja diante do jovem, que deve ser uma postura empática.

Abrir-se à participação do jovem faz com que ele ocupe espaços dentro da comunidade. mas geralmente os jovens encontram dificuldades visto que são considerados imaturos e inexperientes. Geralmente sua ação se resume a trabalhos de animação de eventos ou auxílio braçal ou ainda a organização de campanhas. Participar deve ser entendido no sentido de tomar parte, de ser parte. A atuação de quem participa é ativa. A massa não participa. Ela assiste. Por mais que possa parecer estranho, não participamos de um show, exceto quando ocupamos espaço, seja tocando um instrumento ou auxiliando na organização. A plateia assiste.

Como transformar a comunidade eclesial para que ela constitua a participação dos jovens? Cultivando uma Igreja empática com o jovem (CV65). O jovem é capaz de trazer novas questões e horizontes à comunidade, desde que encontre um ambiente favorável e acolhedor. Escutar o jovem é a primeira atitude para que se construa um ambiente propício à participação.



Outra condição para se construir uma relação empática é a de assumir que não existe “a juventude”, como se fosse um bloco sólido e uniforme. Existem muitas juventudes e perceber a idiossincrasia de cada uma delas é importante para a criação de uma comunidade empática (CV 68). É comum que as comunidades tenham grupos de pastoral juvenil que se desfazem ao longo do tempo e muitas vezes em um curto período de tempo. Isso não deveria assustar a Igreja. O que é mais problemático é a falta de espaço para que os jovens se sintam comunidade. Isso pode ser percebido quando os jovens, após o término do grupo, não mais se encontram na comunidade. Podemos concluir, então, que a comunidade não os acolheu ou não deu espaço aos seus anseios.

As angústias e os anseios dos jovens dificilmente se limitam a questões religiosas. Eles trazem consigo questões humanas e psíquicas, questões familiares e questões sociais. O jovem se sente angustiado seja pelo final de um relacionamento amoroso, pela separação de seus pais, pela dificuldade de se colocar no mercado de trabalho, pelas consequências do tráfico de drogas ou mesmo da violência urbana. Abrir-se à realidade dramática pela qual passa a juventude é tarefa da Igreja (CV72-75).

O jovem também participa da Igreja quando constrói sua santidade (CV3.50.249). A grande questão a ser trazida pelo documento é o conceito de santidade. Coerente com a exortação de Francisco *Gaudete et exultate*, sobre a santidade, *Christus vivit* entende que a atitude cristã do jovem é vivenciada quando ele se constrói como cristão. Assim quando ele navega pelas redes sociais (CV 86-90) ou quando ele migra em busca de uma vida melhor para si e/ou para sua família (CV91-92), o ideal é a construção de uma vida cristã.

### 3. O jovem como sujeito

O documento preparatório para o sínodo, disponibilizado a todos no site do Vaticano e que serviu de base para que os jovens respondessem o questionário dos trabalhos pré-sinodais, trazia a perspectiva do jovem como sujeito, tanto em nível eclesial como social (SANTA SÉ, *online*).<sup>3</sup> Francisco segue a perspectiva do jovem como sujeito, à medida que entende o jovem como aquele que busca viver plenamente. *Christus Vivit* faz uso da palavra sujeito(s) 08 vezes e perceber como ela é empregada na exortação nos auxilia no entendimento da própria exortação e consequente do trabalho de evangelização juvenil.

.....  
<sup>3</sup> O Documento Final do sínodo dos bispos, publicado ao término dos trabalhos sinodais, não acompanha a mesma perspectiva do Documento Preparatório nem da Exortação de Francisco. O Documento Final se baseia muito mais no trabalho da pastoral juvenil que aos jovens, em uma tentativa de reaproximação entre os jovens e a Igreja católica (cf. SANTA SÉ, *on-line*).



O sujeito traz consigo o pressuposto da interação com o meio que vive. Assim o Papa apresenta primeiro a ideia de que os cristãos não podem parecer “sujeitos estranhos” ao mesmo tempo que devem ter “a coragem de ser diferentes” (CV 36). Ora, o jovem, assumindo-se e construindo-se como sujeito cristão, deve construir sua identidade cristã na relação com o mundo. O cristão o é de maneira circunstanciada e a identidade é construída na relação com essa circunstância (cf. HALL, 2014, p. 11).

O jovem cristão não se aparta do mundo, mas assumindo a postura de Jesus, dialoga com ele. Assim a encíclica diz que a postura do sujeito individualista, além de ser oposta à prática cristã, fazem do jovem “presa fácil de propostas desumanizadoras e dos planos destrutivos” (CV 73). Também as reações de oposição aos jovens imigrantes que chegam ao seu país são denunciadas por Francisco. Os imigrantes, seres humanos que exercem seu direito de buscar uma vida digna, não devem ser vistos como “sujeitos perigosos” (CV 94).

Poucos são os jovens citados na Encíclica. Mas quando o são, tornam-se exemplos circunstanciados da construção de sujeitos cristãos. É o caso do Venerável Carlos Acutis, jovem italiano que morreu aos 15 anos, vítima de leucemia. Em vida, dedicou-se à propagação da devoção eucarística por meio da internet. Os jovens evangelizam outros jovens a partir dos meios que lhes são próprios. Ao citar Acutis, Francisco diz que ele utilizava dos meios digitais para despertar “sujeitos adormecidos” (DV 105).

A evangelização pede que se utilize dos meios que são comuns aos destinatários à mensagem do Evangelho. Assim, não é possível acreditar que os antigos meios de evangelização, que deram certo em determinado momento histórico, ainda sejam eficazes. Não se trata de uma mudança de conteúdo ou dos elementos da fé cristã, mas de uma mudança de linguagem. A mensagem é a mesma, mas as circunstâncias são outras.

Devemos perseverar no caminho dos sonhos. Para isso, é preciso ter cuidado com uma tentação que muitas vezes nos engana: a ansiedade. Pode tornar-se uma grande inimiga, quando leva a render-nos, porque descobrimos que os resultados não são imediatos. Os sonhos mais belos conquistam-se com esperança, paciência e determinação, renunciando às pressas. Ao mesmo tempo, é preciso não se deixar bloquear pela insegurança: não se deve ter medo de arriscar e cometer erros; devemos, sim, ter medo de viver paralisados, como mortos ainda em vida, sujeitos que não vivem porque não querem arriscar, não perseveram nos seus compromissos ou têm medo de errar. Ainda que erres, poderás sempre levantar a cabeça e voltar a começar, porque ninguém tem o direito de te roubar a esperança. (DV 142)





Os jovens são vistos não apenas como sujeitos eclesiais, que tomam parte na comunidade cristã, tornando-se membros efetivos, mas são vistos também como sujeitos sociais. A reflexão proposta pela Exortação não foca na mensagem do Evangelho, que continua a mesma, mas na linguagem e nas estratégias de anúncio dessa mensagem aos jovens.

O sujeito se constrói por meio do discernimento. E aí há muita influência da pedagogia e da espiritualidade inaciana, base da formação do Papa Francisco. Revela-se a concepção de uma comunidade que é formada por seus membros ao mesmo tempo que serve de local e apoio para o processo de discernimento. O foco é o sujeito e não a instituição comunitária ou sua manutenção.

A ideia de que o trabalho juvenil se pautar na formação do sujeito eclesial aponta para a construção de jovens maduros e autônomos que se mostram capazes de assumirem a prática cristã como presença, muito mais que como discurso (cf. MARCHINI, 2018, p. 120).

#### 4. Uma pastoral juvenil x uma pastoral para os jovens

O modelo de evangelização pré-conciliar é marcado pela unilateralidade. A Igreja leva a mensagem do evangelho aos cristãos que a recebem. A mesma lógica se repetia quando os interlocutores eram os jovens. *Christus vivit* traz a perspectiva de uma pastoral juvenil, que seja pensada e executada com o jovem e não somente para ele.

##### 4.1. A SALVAÇÃO EM PERSPECTIVA JUVENIL

Quais os caminhos que a exortação *Christus vivit* traz para o trabalho juvenil da Igreja? No capítulo IV, Francisco cita que o anúncio aos jovens inclui três verdades que precisamos escutar: a primeira é a do anúncio de um Deus que é amor (CV 112-117), a segunda é a verdade de que Cristo salva (CV 118-123) e a terceira, a verdade de que Cristo vive (CV 124-129). Há algumas informações encobertas, mas que trazem algumas mudanças relevantes para os fundamentos e perspectivas do trabalho juvenil da Igreja.

A primeira verdade suscitada por Francisco é a do anúncio de um Deus que é amor. Antes de qualquer coisa o jovem é chamado a perceber que Deus o ama. Não se trata de entender ou saber que Deus o ama, mas de vivenciar o amor de Deus (CV 112). O amor de Deus é concreto e pode ser percebido, sobretudo, na relação com as pessoas. Esse amor também independe das experiências frustradas de amor pelas quais os jovens tenham passado. Pelo contrário, fica-nos a possibilidade de percebermos manifestações do amor de Deus na vivência com aqueles que nos são próximos e queridos (CV 112). Outra característica importante do texto de Francisco é a de





perceber que o amor não significa ausência de conflitos ou frustrações. Mais que isso o amor é presença de Deus que se dá como horizonte e sentido (CV 117).

Do amor de Deus é que vem a salvação. É comum dizermos, desde os tempos da catequese infantil, que Jesus morreu na cruz para nos salvar (CV 118) e isso é verdade. Mas a evangelização juvenil deve ir além de um anúncio dogmático. Trata-se de um anúncio vivencial. O termo salvação foi enfatizado no cristianismo pela tradição paulina (CV 118). Mas é na cruz de Cristo que a salvação se plenifica e isso não tem a ver com um gesto mágico ou com um sacrifício cruento onde o ser sacrificado expia o pecado alheio. A salvação, então, não se realiza unicamente no plano escatológico. Após a morte a salvação é plena, mas ela já se inicia no plano terrestre e com uma opção de vida que renega o pecado (CV 120).

Aqui cabe lembrar que a cruz de Jesus é mais que uma simples morte. Trata-se da consequência de um projeto de vida. O Filho não se encarna com o simples objetivo de morrer na cruz, mas de resgatar o amor de Deus que se revela compassivo (cf. PAGOLA, 2010, p. 157ss.). Tal projeto de Jesus foi sintetizado nos evangelhos como sendo o reino de Deus (cf. Mc 1,15. 3,24ss. 4,11ss.). Na cruz, Jesus revela que o amor de Deus vai até as últimas consequências. O que salva é a entrega total.

Também os jovens são chamados a participar da salvação dada na entrega total da cruz e não lhes falta a intensidade que também encontramos na pessoa de Jesus. O projeto do antireino é marcado pela escravidão, pela dependência e fracasso, pelo poderio colonizador e pelo esmorecimento da dignidade humana (CV 122). A salvação do jovem já se revela quando ele encontra a possibilidade de viver o projeto do reino, que em Jesus e nas consequências da cruz revelou-se como projeto de amor total.

A terceira e última verdade a ser transmitida ao jovem é que Jesus vive (CV 124). Ora, essa afirmação parece óbvia, mas há nela uma concepção central do cristianismo. Não seguimos uma ideia. Seguimos um homem que viveu e continua vivo. Seguimos seu projeto e buscamos transformá-lo em prática, seja na pastoral das comunidades eclesiais, seja nas atitudes que assumimos a cada dia.

#### 4.2. CONSTRUINDO-SE COMO SUJEITO

Os capítulos finais da exortação *Christus vivet* apontam para a construção de jovens que sejam maduros na fé (CV 134-178), autênticos como pessoa (CV 179-201) e por isso saibam discernir diante dos sinais dos tempos (CV 202-247), assumindo sua vocação (CV 248-299).



Os jovens trazem consigo características proféticas para a vida da Igreja. A juventude é o tempo onde se vive intensamente os sonhos, as possibilidades e os projetos de vida (CV 136-137). Muitas vezes as comunidades cristãs deixam de sonhar e isso é ruim. Isso nos leva a uma atitude de manutenção e de conformismo, seja diante da vida ou das possibilidades pastorais.

Os jovens também nos lembram que a Igreja é, antes de mais nada, local de vivência fraterna. Os jovens vivenciam com intensidade as relações de amizade, valorizando o convívio e a colaboração (CV 151). Quantas vezes as comunidades cristãs se tornam ambiente de anonimato, onde as pessoas pouco interagem e participam das celebrações litúrgicas sem criar vínculos? A comunidade passa a ser um local de prestação de serviço em detrimento do convívio fraterno (cf. MARCHINI, 2017b, p. 165).

O papel da Igreja não é unicamente ensinar o jovem. Isso acontece sim visto que a comunidade deve se ocupar da formação de seus membros. Mas tal ensinamento acontece muito mais pela vivência e convivência. Isso porque o crescimento e a maturidade do jovem não se resumem àquilo que se aprende, mas se constroem à medida que eles interagem na comunidade (CV 160). A relação é análoga à da família. Os filhos aprendem os valores e parâmetros de comportamento mais pela convivência que pelos discursos. Se os pais ou responsáveis dizem uma coisa, mas fazem outra, as crianças e jovens percebem rapidamente que há uma contradição.

O trabalho juvenil proposto pelo Papa Francisco é, em muito, pautado pelas perspectivas inicianas (cf. MARCHINI, 2017a, p. 131ss). O discernimento que constrói o sujeito é pautado pela oração e pela relação com Deus, mas é imprescindível a convivência fraterna que acontece no ambiente que está para além da comunidade eclesial. A fé se concretiza na vida cotidiana e na rotina (CV 169).

O jovem é chamado a ser tanto sujeito eclesial e ele se constrói como tal à medida que assume-se como parte da comunidade cristã. Assim é importante que as comunidades abram espaço para que os jovens participem dos ministérios, dos trabalhos de lideranças e dos conselhos comunitários. A inserção dos jovens na comunidade é um processo onde há acertos e erros, como acontece com qualquer sujeito eclesial. E se o jovem é privado de ambientes e funções eclesiais, aos poucos ele passa a perder o interesse pela vivência comunitária.

Mas o jovem também é chamado a se construir como sujeito social (CV 170). A Exortação aponta como caminhos viáveis para a atuação *ad Ecclesia* o trabalho da pastoral universitária (CV 171) ou mesmo o trabalho humanitário de jovens que auxiliam aqueles que vivem sem abrigo ou em áreas de precariedade por não serem assistidos pelos poderes públicos (CV 172).



A comunidade eclesial mostra-se como o local privilegiado para a construção do jovem como sujeito (CV 184), seja em âmbito eclesial ou social. E isso porque, como já mencionamos, a identidade se constrói na realidade onde o jovem vive. O Papa Francisco aponta o risco de uma religiosidade de participação eventual, onde o jovem é seduzido pela abordagem afetiva, mas que, sem vínculos comunitários que levam à maturação dos sentimentos, caem no sentimentalismo.

Podemos falar que a religiosidade eventual resulta em uma organização pastoral de massa (CV 186), onde a comunidade se preocupa em direcionar toda a sua composição comunitária para a organização de eventos que sejam atrativos aos jovens sem, contudo, possibilitar vínculos comunitários (cf. MARCHINI, 2017c, p. 86). Mesmo a Jornada Mundial da Juventude, quando não vinculada às comunidades eclesiais e à pastoral juvenil, se torna um evento com o intuito único de divertir seus participantes com uma estrutura onerosa à diocese que sedia o evento, além de ser uma estratégia com pouca efetividade, pois os jovens não fortalecem seus vínculos comunitários<sup>4</sup>.

#### 4.3. A PASTORAL JUVENIL

Há uma coerência entre o Documento de trabalho do Sínodo e a Exortação pós-sinodal de Francisco no sentido de que, partindo da perspectiva da construção do jovem como sujeito, entende-se a pastoral juvenil como uma pastoral feita *com o jovem* e não *para o jovem*. A Exortação atribui a esse parâmetro pastoral o nome de sinodalidade<sup>5</sup> (CV 203ss.).

As duas linhas de trabalho pastoral com os jovens propostas pela Exortação são a *busca* dos jovens e o *crescimento* e maturação daqueles que já se aproximaram da comunidade eclesial (CV 209). Para a busca dos jovens pede-se uma pastoral juvenil que assuma uma linguagem própria para o diálogo com o jovem (CV 210-211). Mas faz-se necessário que não se reduza a pastoral juvenil à religiosidade eventual, o que acarretaria em uma relação superficial entre o jovem e a comunidade eclesial (cf. MARCHINI, 2017c, p. 83). A participação eventual se reduz ao evento e não se sustenta pela participação comunitária. Nela o jovem é da Igreja sem estar nela. Na participação eventual o jovem vai ao terço, à missa, ao acampamento ou mesmo à Jornada

<sup>4</sup> Cabe ressaltar que o Papa Francisco faz quinze menções à Jornada Mundial da Juventude. A maioria se refere às fontes de falas do próprio Francisco que são citadas no texto. Não podemos afirmar que o Papa seja contrário à Jornada, mas podemos afirmar que ela não é assumida explicitamente como uma estratégia de evangelização da juventude.

<sup>5</sup> A perspectiva assumida por Francisco se equipara ao que o processo de recepção do Concílio Vaticano II. Os padres conciliares entenderam que a colegialidade não era apenas um assunto a ser trabalhado no Concílio, mas a uma forma de participação eclesial a ser assumida pelas conferências episcopais e pelas próprias dioceses que construíram espaços de interação entre os bispos, o clero local e os leigos (cf. O'MALLEY, 2014, p. 214).



Mundial da Juventude sem se envolver estruturalmente com a comunidade eclesial (cf. MAR-CHINI, 2018, p. 118).

A pastoral juvenil deve se balizar na ideia de que, conforme possibilita ao jovem ser Igreja, auxilia na construção da consciência eclesial do jovem e, conseqüentemente, do seu crescimento (CV212). A comunidade deve ser uma extensão da casa do jovem, possibilitando um ambiente onde ele possa conviver e crescer pelos laços fraternos e eclesiais (CV217).

E se os jovens são concebidos como sujeitos, esse processo de construção da autonomia não pode ser confundido com arbitrariedade. Não significa que a comunidade deixa os jovens como reféns de seus próprios desejos. Antes, a comunidade os acompanha, oferecendo substrato para que esses jovens construam sua maturidade humana e cristã (CV242):

A comunidade desempenha um papel muito importante no acompanhamento dos jovens, e toda a comunidade se deve sentir responsável por acolhê-los, motivá-los, encorajá-los e estimulá-los. Isto implica que se olhe para os jovens com compreensão, estima e afeto, e não que sejam julgados continuamente ou lhes seja exigida uma perfeição que não corresponde à sua idade (CV243).

Melhor ainda é o processo de evangelização onde a comunidade constrói jovens que acompanham os próprios jovens (CV245). Os jovens se entendem sobretudo na linguagem.

Contudo há na Exortação, uma perspectiva inaciana onde aquele que passa pelos exercícios espirituais (cf. CV 245) conta com o auxílio de um acompanhador (cf. CV 246) que auxilia no processo de discernimento, identificando as consolações e desolações, além de garantir uma visão objetiva do processo de crescimento.

Todo o processo de interação entre o jovem e a comunidade eclesial é entremeado pelo processo de discernimento vocacional do jovem. Ao construir-se como vocacionado o jovem se constrói como um ser de relação com Deus (CV250-252) e como um ser de relação com os outros (CV253-258). Mas o processo de discernimento vocacional não é entendido nos moldes tradicionais, onde o jovem se descobre dentro do leque de opções das funções eclesiais (vocação sacerdotal, religiosa ou laicato). O jovem é chamado a descobrir-se como sujeito cristão, que realiza sua vocação na relação eclesial e social. Como tal relação se concretizará, é consequência do discernimento feito pelo jovem.



## 5. A recepção do Sínodo e da Exortação *Christus vivit*

Todo documento, exortação, encíclica ou instrução da hierarquia é destinado aos membros da Igreja e por isso é recebido pelas comunidades. Dificilmente uma exortação pós-sinodal é assimilada integralmente pelas dioceses. Geralmente as comunidades leem as orientações curiais de acordo com a realidade que vivenciam. Todo processo de recepção é seletivo, enfatizando alguns aspectos e renunciando a outros (PASSOS, 2018, 281).

No Brasil a pastoral juvenil tem se organizando, pelo menos nos parâmetros institucionais, a partir do Setor Juventude. A CNBB entende que todos os trabalhos que envolvem a evangelização da juventude devem ser abarcados por este setor. Contudo, a pastoral juvenil se constitui um engodo, um emaranhado de perspectivas eclesiais que muitas vezes assumem critérios opostos.

Basicamente podemos perceber que a pastoral juvenil assume dois ideais distintos, o da pastoral de evento e o da participação eclesial. Podemos entender tais ideais como se fossem dois opostos de uma régua. Na prática, temos um degradê e cada iniciativa de pastoral juvenil apresenta aspectos da pastoral de envolvimento comunitário e aspectos da pastoral de eventos.

O Sínodo e a exortação pós-sinodal apontam para a construção de uma pastoral juvenil de adesão comunitária. Não se trata de uma adesão à instituição, característica colonial, mas de assumir o ideal de que o jovem é parte integrante da comunidade. Ora, como pensar estratégias para a construção de um sujeito eclesial em meio a uma pastoral que se baseia quase que exclusivamente na realização de eventos? Podemos tomar como base a movimentação dos grupos de pastoral juvenil e das comunidades eclesiais em torno das várias edições da Jornada Mundial da Juventude. Há um “efeito cascata” e mesmo as dioceses e paróquias realizam eventos similares. Tais eventos são onerosos às comunidades eclesiais, tanto no que mobilizam de capital monetário quanto de capital humano.

Uma recepção efetiva da Exortação *Christus vivit* só é possível com estratégias pastorais pensadas a partir do estudo do documento protagonizado pelos próprios jovens que fazem parte dos grupos de pastoral juvenil. Eles é que serão capazes de discernir sua ação pastoral a partir das inquietações do Papa Francisco. Cabe às dioceses criar um ambiente favorável para que se viabilize tal recepção. A própria recepção da Exortação possibilita, por si mesma, a construção do jovem como sujeito eclesial.



## Considerações finais

*Christus vivit* deve ser uma exortação lida no contexto do Vaticano II. Francisco propõe um franco diálogo entre a comunidade cristã e os jovens e por isso abdica das respostas formatadas e dos receituários pastorais. A Exortação também é marcada pela superação de uma visão sacramentalista que visa única e exclusivamente a catequização dos jovens. Não que o sacramento seja desprezado. Ele faz parte da vida da Igreja. Mas a ida litúrgica e sacramental é situada como momento paradigmático de celebração da vida, seja a pessoal ou a comunitária.

A construção do jovem como sujeito possibilita a construção de uma fé madura. O jovem, consciente de sua adesão ao projeto de Jesus, torna-se capaz de discernir diante das situações práticas da vida. E se a exortação não trata, por exemplo, de questões relativas à sexualidade ou mesmo ao mundo virtual, é justamente para não implicar em “receitas” de como ser cristão. O jovem é chamado a discernir sua atitude, diante de cada demanda que a vida lhe impõe.

A exortação de Francisco se mostra mais arrojada que o próprio Documento Final do Sínodo dos bispos, sobretudo por trazer uma perspectiva pastoral que respeita a caminhada e a autonomia de cada diocese ou comunidade cristã e, conseqüentemente, suas idiossincrasias juvenis.

## Referências bibliográficas

- BOFF, Clodovis. *Sinais dos tempos: princípios de leitura*. São Paulo: Loyola, 1979.
- FRANCISCO. *Christus vivit: exortação apostólica pós-sinodal aos jovens e a todo o povo de Deus*. 2019. Disponível em <[https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost\\_exhortations/documents/papa-francesco\\_esortazione-ap\\_20190325\\_christus-vivit.html](https://w2.vatican.va/content/francesco/pt/apost_exhortations/documents/papa-francesco_esortazione-ap_20190325_christus-vivit.html)> Acesso em 25/abr./2019.
- \_\_\_\_\_. *Evangelii gaudium: sobre o anúncio do evangelho no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2013.
- \_\_\_\_\_. *Gaudete et exultate: exortação apostólica sobre o chamado à santidade no mundo atual*. São Paulo: Paulinas, 2018.
- GAUDIUM ET SPES. In: *Compêndio do Vaticano II*. Petrópolis, RJ: Vozes, 1975.
- HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.
- LIBANIO, João Batista. *Jovens em tempo de pós-modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.
- MARCHINI, Welder Lancieri. Educação para a formação de sujeitos eclesiais. In: OBSERVATÓRIO ECLESIAL BRASIL. (Org.). *Todos somos discípulos missionários: Papa Francisco e o laicato*. São Paulo: Paulinas, 2017a. p. 131-140.



\_\_\_\_\_. Identidade cristã e pastoral urbana: método e perspectivas. *Ciberteologia* (São Paulo), v. XIII, p. 152-167, 2017b. Disponível em <<https://ciberteologia.com.br/post/artigo/identidade-crista-e-pastoral-urbana-metodo-e-perspectivas>> Acesso em 25/abr./2019.

\_\_\_\_\_. O jovem como sujeito eclesial. In: Silva, A. A.; Prado, A. R. do; Silva, Elias; \_\_\_\_\_ (Org.). *Escolhendo Jesus: jovens cristãos para uma nova sociedade*. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 91-127.

\_\_\_\_\_. *Paróquias urbanas: entender para participar*. Aparecida, SP: Santuário, 2017c.

O'MALLEY, John W. *O que aconteceu no Vaticano II*. São Paulo: Loyola, 2014.

PAGOLA, José Antonio. *Jesus: aproximação histórica*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

PASSOS, João Décio. *As reformas da Igreja Católica: posturas e processos de uma mudança em curso*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2018.

SANTA SÉ. Documento final do Sínodo dos Bispos: os jovens, a fé e o discernimento vocacional. *Synod 2018*. Disponível em <<http://www.synod2018.va/content/synod2018/pt/documento-final-del-sinodo-dos-bispos--os-jovens--a-fe-e-o-disce.html>>. Acesso em 19/fev./2019.

\_\_\_\_\_. Os jovens, a fé e o discernimento vocacional: Documento preparatório. *La Santa Sede*, 2018. Disponível em: <[http://www.vatican.va/roman\\_curia/synod/documents/rc\\_synod\\_doc\\_20170113\\_documento-preparatorio-xv\\_po.html](http://www.vatican.va/roman_curia/synod/documents/rc_synod_doc_20170113_documento-preparatorio-xv_po.html)>. Acesso em 19/fev./2019.

Recebido em: 01/05/2019

Aprovado em: 08/05/2018